

Galvães espera fechar o acordo plurianual ainda neste ano

por Cláudia Safatle
de Brasília

"A renegociação plurianual será a nossa colocação, em princípio", confirmou o ministro da Fazenda, Ernane Galvães, a este jornal, ontem. A partir dessa intenção, que será posta à mesa pelo presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, na primeira

reunião formal do comitê de assessoramento da dívida externa brasileira, prevista para o dia 5 de novembro próximo, em Nova York, o governo brasileiro pretende renegociar os débitos externos de 1985 a 1990, que montam US\$ 60 bilhões, junto aos bancos privados comerciais. Somente depois de acertar as condições definitivas com os credores privados é que, segundo Galvães, o governo partirá para a renegociação da dívida externa de governo a governo, junto ao Clube de Paris. Ele espera que todo o pacote financeiro seja fechado ainda no final deste ano, avaliado pelo Fundo Monetário Internacional, que "amarará" a negociação, e garantiu que, hoje, após diversos contatos com banqueiros internacionais, "está havendo melhor receptividade para uma renegociação plurianual".

INGREDIENTES

Fechar um pacote que envolve cinco anos e prescindir de dinheiro novo ("fresh money") para fechar o balanço de pagamentos de 1985 são, portanto, os dois novos ingredientes da fase 3 de renegociação da dívida externa brasileira, admitidos pelo governo, mas ainda não tidos



Ernane Galvães

como uma decisão formal, inarredável.

"Estamos trabalhando nas estatísticas, nos números dos próximos anos, para ver qual é, efetivamente, a melhor sistemática de renegociação compatível com o nosso fluxo de caixa", ponderou o ministro da Fazenda, observando, ainda, que um acordo plurianual com os bancos privados não implicará, necessariamente, o mesmo modelo para rolar uma parcela dos US\$ 9 bilhões que representa a amortização total de 1985 a 1990 junto ao Clube de Paris. Esta, ele sabe, é uma tarefa ainda mais dura de ser negociada, pois nenhum país

conseguiu tal feito nos créditos de governo a governo.

Por enquanto, o Banco Central está envolvido na montagem de simulações do balanço de pagamentos para os próximos cinco anos. "Já temos pelo menos umas trinta simulações feitas", revelou uma categorizada fonte oficial a este jornal, adiantando que os parâmetros utilizados para esses exercícios são uma taxa média de 10% dos juros internacionais, um crescimento médio de 3% do comércio mundial, que criaria espaços para superávits também médios de US\$ 12 bilhões na balança comercial brasileira. Isso podendo resultar em necessidade de dinheiro novo em um ano e em outro não. Uma negociação plurianual traria embutida, assim, que qualquer mudança significativa nos parâmetros básicos resultaria numa nova rodada de acordo entre governo e credores privados, para remontar as condições que serão acertadas nesta fase 3.